

5. Análise dos resultados

Nosso propósito em analisar os dados coletados foi averiguar o status das línguas que coexistem na região de Oiapoque, em meio escolar, assim como averiguar as atitudes lingüísticas que os alunos têm em relação a estas línguas como subsídio para discutir o estabelecimento de uma planificação lingüística nessa região de fronteira.

A análise foi dividida em três partes, a primeira tratará dos dados estatísticos levantados pelo IBGE, INEP e SEED, a segunda, das entrevistas realizadas com a secretária de educação do município com a diretora da escola e com os dois professores de língua francesa da escola. Vale ressaltar, que as entrevistas não foram analisadas na íntegra, pois optamos por selecionar as partes que eram relevantes para a construção do trabalho.

A terceira parte tratará da análise dos questionários coletados. Devemos salientar que essa análise está calcada na discussão político - lingüístico sobre o ensino de línguas em contextos multilíngües como o da fronteira Brasil-Guiana Francesa.

5.1 Dados estatísticos

De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas), o número de matrículas é de 4.766 matrículas no ensino fundamental e 958 matrículas no ensino médio. Especulamos que o elevado número de matrículas no ensino fundamental pode estar relacionado ao êxodo populacional da cidade. Por sua vez, o baixo número de matrículas referente ao ensino médio está relacionado, segundo as entrevistas que fizemos com a secretária e com a diretora da Escola Estadual Joaquim Nabuco, à evasão escolar que ocorre no município devido aos jovens saírem em busca de emprego seja no garimpo, no comércio da região ou do outro lado da fronteira.

O INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Teixeira) apresenta alguns dados sobre o município que respaldam nossas especulações. O número de crianças e jovens em idade de 6 a 14 anos, que deveriam estar no ensino fundamental é de 4.189. Em idade para freqüentarem o ensino médio, o INEP registra o total de 1.297 jovens de 15 a 17 anos. Com idade entre 18 a 24 anos, o instituto

registrou 2.669, somando as duas faixas etárias temos a estimativa de 3.966 jovens de 15 a 24 anos o que torna o número de 958 matrículas registradas no ensino médio extremamente baixo.

Em relação aos estabelecimentos de ensino, os dados mais recentes do INEP, em 2006, evidenciaram que dos 40 estabelecimentos escolares existentes na educação básica, 35 estão localizadas na zona rural e 5 na zona urbana. É importante destacar que das cinco escolas localizadas na zona urbana somente uma oferece o ensino médio. Essa má distribuição de estabelecimentos por localização urbana e rural reflete a necessidade de um maior número de escolas na área urbana de Oiapoque principalmente na oferta do ensino médio, pois é nesta área que se localiza a maior concentração populacional, onde localizam-se as oportunidades de trabalho e exige-se maior nível de escolaridade.

Como identificamos, Oiapoque é uma região caracterizada também pela grande concentração de populações indígenas. Na SEED (Secretaria de Educação) do Amapá tivemos acesso à listagem do número de estabelecimentos indígenas e não-indígenas da região bem como a localização das mesmas. As vinte e quatro escolas indígenas estão localizadas na zona rural do município com a oferta de educação bilíngüe até o quinto ano do ensino fundamental. A partir do sexto, os alunos são direcionados as escolas públicas regulares da região. Este redirecionamento aumenta claro o número de matrículas nos estabelecimentos de ensino. Em pesquisa de campo, tentamos visitar uma dessas escolas mapeadas na região, mas não foi possível, pois a visita requer uma autorização da FUNAI de Brasília.

5.2

As entrevistas

A entrevista com a secretária de educação ocorreu em um clima a princípio tenso, mas depois tornou-se descontraído. Essa tensão surgiu com as observações da secretária ao enfatizar que o município não é somente um objeto de estudo e que por diversas vezes auxiliou pesquisadores que não deram um retorno da pesquisa feita a cidade. .

De acordo com a secretaria municipal de educação do município, uma equipe está reunida desde 2006 para elaborar uma proposta pedagógica para estruturar o ensino

de francês. Segundo a secretária, a língua francesa é utilizada no dia-a-dia e, por isso, o ensino de francês na região é uma necessidade cotidiana. A maior dificuldade apontada por ela é na formalização da língua francesa nos estabelecimentos de ensino no que diz respeito à metodologia e material didático. Desse modo, ressaltou que é de extrema relevância estruturar o ensino da língua francesa nas escolas e promover ações que possibilitem o domínio real da língua francófona.

Ainda segundo a secretária, algumas ações vêm sendo promovidas nesse aspecto, a Universidade Federal do Amapá (Unifap) em parceria com a secretaria de educação do município tem oferecido um curso de língua francesa a um público que lida diretamente com franceses no dia-a-dia como comerciantes e catraieiros. A metodologia desse curso parte primeiramente do que os falantes sabem da língua. Outra ação tem sido o curso francês comunitário, em 2007, ministrado pelo professor de francês da Escola Estadual Joaquim Nabuco.

Sobre o domínio lingüístico dos habitantes da região, a secretária relatou que vivendo em Oiapoque sempre pensou que “sabia falar a língua francesa” entrando na universidade, em Macapá, descobriu que o que aprendeu em Oiapoque foi falar um dialeto, o crioulo francês. Nesse sentido, destacou que “as pessoas pensam que falam francês”, mas através do contato formal com a língua francófona os mesmos descobrem que não sabem as regras gramaticais. Terminamos a entrevista conversando sobre o hino da cidade que a mesma escreveu em 2000 e nos comprometendo em dar um retorno a cidade sobre a pesquisa feita ao final do curso de mestrado.

Na entrevista com a diretora da Escola Estadual Joaquim Nabuco, a mesma relatou as problemáticas apontadas pela secretária no que diz respeito ao ensino dessa língua estrangeira na escola, enfatizando a necessidade de estruturar o ensino do francês já que o aprendizado dessa língua é um processo natural. Além disso, para a diretora, aprender o idioma francês é uma questão de sobrevivência, pois para a conquista do primeiro emprego na região, os empregadores exigem o domínio dessa língua.

Um ponto importante apresentado pela diretora que se relaciona à evasão escolar no ensino médio é que a escola oferece aulas no turno da noite porque muitos alunos trabalham na parte da manhã. Dessa forma, o aprendizado formal da língua francesa torna-se por demais relevante. Outro fator importante para impulsionar a melhoria do ensino dessa língua é que os alunos, ao fim do ensino médio, prestam vestibular e escolhem o francês para fazer a prova de LE.

Em relação aos alunos indígenas, a mesma relatou que coordena o ensino médio de quatro escolas indígenas e o trabalho realizado com estes alunos é bem difícil devido ao português ser a segunda língua. Destacou que os mesmos não pronunciam o r final e tem dificuldades em aprender o gênero em português. Mesmo diante das dificuldades, a escola tem se empenhado no ensino-aprendizagem dos alunos indígenas e registrou com orgulho que um aluno indígena pertencente à escola havia se inscrito no vestibular. Entretanto, até o fim da pesquisa de campo ainda não havia sido divulgado o resultado do mesmo.

Além dos indígenas, a escola tem no corpo discente quatro alunos que são filhos de franceses e vivem em Saint-Georges, o vilarejo em frente a Oiapoque. Sobre esses alunos, não registrou nenhuma diferença no tratamento no que tange o ensino de línguas.

Ao fim da entrevista, a diretora informou que os quatro professores de francês da escola fizeram um curso de extensão em Macapá na Escola de língua e cultura francesa *Danielle Miterrand* e destacou que o objetivo da escola e dos professores é que os alunos saiam com o domínio da língua francesa.

Nas entrevistas com os dois professores de língua francesa, ambos declararam que o interesse dos alunos de aprenderem a língua do país vizinho gira em torno de 60% devido à transitividade dos alunos ao outro lado da fronteira. Além disso, relataram que os alunos no dia-a-dia falam o francês de brincadeira. Entretanto, mesmo diante desse significativo interesse por essa língua estrangeira ainda falta investimento e incentivo do governo no que diz respeito principalmente ao material didático e também na criação de um laboratório

Em relação ao ensino-aprendizagem, os professores apontaram que utilizam o método *táxi* de ensino de francês e uma apostila desenvolvida pelos mesmos. Além disso, utilizam também materiais para-didáticos como jornal música e filmes. É interessante ressaltar, que os dois professores tiveram vivência tanto na Guiana Francesa, departamento ultramar, quanto na capital francesa, Paris.

A professora entrevistada é de Oiapoque, mas trabalha na escola a poucos meses. Por sua vez, o professor entrevistado foi alfabetizado em Caiena e aprendeu português no ambiente familiar. Além do Francês, domina também o crioulo Frances e o *Taki-taki*, um crioulo do Suriname. Trabalha na escola Joaquim Nabuco desde 2001 e desenvolve ações de ensino de língua francesa em conjunto com a SEED do município

para estimular o aprendizado da língua além de promover intercâmbios culturais, trazendo artistas de Caiena para se apresentarem na escola.

5.3

Resultados dos dados sobre domínio lingüístico

Para entender o papel das línguas numa dada comunidade de fala é preciso recorrer, entre outras, à noção de domínios lingüísticos. Heye (1979, p.213-215) aponta que alguns elementos são essenciais para caracterizar diversas situações de bilingüismo: a comunidade lingüística, os papéis e as funções sociais, o status dos falantes e das línguas em questão, o tópico e o domínio lingüístico social. Para o autor, a partir desses parâmetros, o status lingüístico do indivíduo em qualquer momento de sua vida pode ser definido.

Mello (2001, p.76) aponta que a noção de domínio é importante porque nos permite compreender os usos e as funções das línguas em contato, assim como nos permite identificar o “bilíngüe em um *continuum situacional* no qual ele alterna seus vários modos de fala, ao invés de caracterizá-lo como uma espécie rara, cujo “domínio” das línguas se estenderia a todas as situações”.

Fishman (1968, p. 15-31) identifica como principais domínios lingüísticos a família, a escola, a igreja, o trabalho e a rua ou vizinhança. Cada um desses domínios pode exigir uma única língua ou mais, dependendo dos participantes de interação, da relação afetiva entre eles, do tópico a ser discutido, do grau de formalidade ou informalidade da situação e da função da interação. Ainda segundo o autor, a noção de domínios lingüísticos não se restringe ao local propriamente dito, mas à situação como um todo, incluindo, de modo geral, todas as relações psico-sociais que permeiam a comunicação entre as pessoas.

Com base nisso, consideraremos nessa primeira parte do questionário, a idade, o domínio lingüístico e o uso funcional das línguas nos diferentes ambientes comunicativos para averiguar o status das línguas que coexistem na região de Oiapoque e para avaliar a predominância de uso destas línguas na comunidade foram privilegiados cinco domínios lingüísticos. São eles: a casa, a escola, a sociedade, instituições.

Além de perguntas sobre o domínio e uso funcional dos estudantes, levantamos, por meio deste, dados referentes à nacionalidade e a naturalidade do aluno assim como do pai e da mãe. A maioria dos entrevistados identificou a si mesmo como também aos pais como brasileiros. Entretanto, como uma região multiétnica e multilíngüe, outras nacionalidades foram identificadas, em menor porcentagem, como a francesa, a indígena, a surinamense e a japonesa. Como demonstra as tabelas 1,2, e 3.

Tabela 1: Nacionalidade do Aluno.

Nacionalidade do aluno	
Brasileiro	92 %
Surinamense	0,3
Francesa	1,1
Kumarumã	1,1 %
Não respondeu corretamente	5,5%

Tabela 2: Nacionalidade do Pai.

Nacionalidade do pai	
Brasileiro	73 %
Francesa	2,2 %
Japonês	0,3 %
Kumarumã	1,1 %
Não respondeu corretamente	23,4 %

Tabela 3: Nacionalidade da Mãe.

Nacionalidade da mãe	
Brasileira	81 %
Francesa	1,1%
Kumarumã	16 %
Não respondeu corretamente	1,9%

O município de Oiapoque se configura como uma região de elevado índice migratório devido aos fatores econômicos que permeiam essa região. O número de migrantes de várias partes do país em busca de melhores condições financeiras aumenta a cada ano, como pudemos perceber nos censos demográficos no capítulo 3, seja para trabalhar nos estabelecimentos comerciais da região ou para trabalhar no garimpo.

Temos que destacar também que essa região relaciona pessoas, línguas e culturas. Desse modo é mais que natural a formação das famílias mistas. Com base nisso, questionamos aos alunos sobre sua naturalidade assim como a do pai e da mãe.

Tabela 4: Naturalidade do Aluno.

Naturalidade do aluno	
AP	59%
CE	0,4%
MA	3,8%
PA	25,9 %
SP	0,4%
TO	0,4%
Caiana	0,8%
Não respondeu corretamente	9,3%

Tabela 5: Naturalidade do Pai.

Naturalidade do pai	
AP	54 %
CE	0,7%
GO	1,5 %
MA	14,7 %
PA	24%
PB	1,1%
PI	1,1 %
RJ	0,7%
SP	0,4 %
Caiana	1,8 %

Tabela 6: Naturalidade da Mãe.

Naturalidade da mãe	
AP	56,8 %
CE	0,7 %
GO	0,4 %
ES	0,7 %
MA	14,2 %
PA	23,9 %
PI	1,1 %
SP	0,4 %
Caiena	1,8 %

Embora a cidade de Oiapoque esteja localizada em território brasileiro e, dessa forma, espera-se que em sua maioria, habitantes dessa região, tenham como língua materna o português, os dados referentes a essa pergunta apresentaram outras possibilidades. 89% dos alunos declaram ter como língua materna o português. Em relação à mãe e ao pai, a língua portuguesa também surge como a língua materna de maior porcentagem.

Entretanto, devido ao multilinguismo da fronteira, 1,5 % dos alunos declararam ter como língua materna o português e o francês. 2 % declararam ter como língua materna o patuá e 0,3 % o francês.

Tabela 7: Língua materna do Aluno.

Língua materna do aluno	
Português	89%
Francês	0,3%
Patuá	2%
Português/ Francês	1,5%
Outras	1,2%
Não respondeu corretamente	6%

Em relação à língua materna do pai, outras línguas surgem em maior porcentagem. O francês com 5%, o patuá, língua indígena, aparece com 1,5 % e o japonês com 0,3%. Os alunos declararam também que o pai tem como língua materna duas línguas como o português/francês com 3,7 %, o português/ crioulo e português/patuá com 0,3%. Voltamos a destacar que os sujeitos entrevistados não estão no topo de sua vida escolar e devido a isso não dominam o conceito de língua materna, língua primeira e língua segunda. Ao declararem que o pai tem como língua materna duas línguas não estamos levando em consideração que esse pai possa ter adquirido o ensino de francês na vida adulta como língua estrangeira.

Tabela 8: Língua materna do Pai.

Língua materna do pai	
Português	89%
Francês	5%
Patuá	1,5%
Português/ Francês	3,7%
Japonês	0,3%
Português/ Crioulo	0,3%
Português/ Patuá	0,3 %
Não respondeu corretamente	3,9%

Concernente a mãe, os alunos declararam que 2 % têm o francês e 1,5 % tem o patuá como língua materna. Assim como os pais, os alunos declararam que 1,5 % das mães têm como língua materna as duas línguas, o português e o francês.

Tabela 9: Língua materna da Mãe.

Língua materna da mãe	
Português	83%
Francês	2 %
Patuá	1,5%
Português/ Francês	1,5%
Não respondeu corretamente	12%

Quando questionados sobre a língua utilizada em casa, os alunos declararam majoritariamente que utilizam o português, o total de 93%. Esse número se relaciona sobremaneira com a língua materna dos entrevistados. Desse modo, é natural que a língua utilizada em ambiente familiar seja o português. Entretanto, 4,1% declararam que utilizam no ambiente familiar o português e o francês. Este dado se relaciona ao número de famílias mistas e até mesmo ao fato do pai ou da mãe já terem trabalhado em Caiena ou trabalharem em Saint-Georges e, por isso, terem domínio da língua francesa. 1,5% registraram usar em casa o português/ patuá. Estes alunos, no caso, são de famílias indígenas ou mistas. 0,3 % admitiram utilizar somente o francês em casa, a mesma porcentagem diz utilizar apenas o patuá no ambiente familiar. Desse modo, podemos deduzir que são famílias oriundas da Guiana e/ou indígenas em sua totalidade respectivamente.

Tabela 10: Língua usada em Casa.

Língua usada em casa	
Português	93%
Francês	0,3%
Patuá	0,3%
Português/ Patuá	1,5
Português/ Francês	4,1%
Não respondeu corretamente	0,8 %

No que concerne à educação, tentamos investigar as línguas que são utilizadas no ambiente escolar, na hora do recreio e nos momentos em sala de aula. A língua de ensino do país aparece, como previsível, como a língua mais utilizada pelos alunos, 84%. Contudo, 8,3% declararam utilizar o português e o francês no período que estão na escola. Por sua vez, mesmo não sendo língua de ensino e nem da escola investigada, 1,5 % admitiram usar o crioulo. O patuá é língua de ensino somente nas aldeias, mas mesmo assim, 1,1% registraram que utilizam o português e o patuá no ambiente escolar. Outros 0,3 % dos alunos declararam usar três línguas, o português, o francês e o Crioulo nesse ambiente. Pelo que observamos na coleta de dados, a comunidade escolar tem se esforçado para manter uma política lingüística que encoraja a utilização da língua francesa nesse ambiente mesmo com tão poucos recursos. Em relação às demais

línguas, como a dos alunos indígenas e o crioulo francês, não observamos nenhuma regra proibitiva. Parece claro que a utilização do francês e português na escola não ameaça a língua oficial em termos de deslocamento lingüístico, pois professores, alunos e pais estão conscientes da necessidade e importância das duas línguas no contexto escolar.

Tabela 11: Língua usada na Escola.

Língua usada na escola	
Português	84%
Francês	0,7%
Crioulo	1,5%
Português/ Francês	8,3%
Português/Patuá	1,1 %
Português/Francês/Crioulo	0,3%
Outras	0,3%
Não respondeu corretamente	3,8%

Questionamos os alunos sobre as línguas utilizadas na sociedade, compreendemos esse item como línguas usadas no convívio social como em igrejas, festas, clubes... Dos entrevistados, todos declararam utilizar o português em suas relações interpessoais, cerca 83%. Entretanto, uma porcentagem significativa declarou utilizar o português e francês nesses ambientes. Outras línguas em presença na sociedade aparecem com menor porcentagem, mas ilustram sobremaneira o plurilinguismo da região.

Tabela 12: Língua usada na Sociedade.

Língua usada na sociedade	
Português	83%
Francês	2%
Patuá	0,3%
Português/ Francês	8%
Português /Crioulo/ Francês	0,7%
Palikur	0,3%
Crioulo	0,3%
Outras	0,7%
Não respondeu corretamente	5%

Em Oiapoque, é possível ter acesso a mídia através de rádio e televisão. As rádios são as mesmas transmitidas na capital, Macapá. A programação de televisão é a nacional. Não existe jornal e nem rádio local, com exceção de uma rádio vinculada ao comércio da cidade. Em pesquisa de campo, reparamos que nem mesmo uma banca de jornal possui a cidade, o que torna bastante limitado os meios de comunicação. Em língua francesa e crioulo francês, os habitantes têm acesso às rádios da Guiana Francesa. Como não poderia deixar de ser, o acesso a mídia é representativo em português, 51%. Tem acesso a mídia nas duas línguas nacionais, português e francês, 32% dos entrevistados. 9 % declararam ter acesso a mídia somente em francês. Entretanto, 0,3 % registraram ter acesso a mídia em português, francês e crioulo. 0,7 % é a porcentagem referente ao acesso à mídia em outras línguas. Nesse item observamos que na coleta de dados os entrevistados registraram ter televisão a cabo, o que traz outras possibilidades lingüísticas.

Tabela 13: Acesso a Mídia.

Acesso a mídia	
Português	51%
Francês	9%
Crioulo	0,3%
Português/ Francês	32%
Português/Francês/Crioulo	0,3%
Outras	0,7%
Não respondeu corretamente	6,7%

A LDB estabelece que o ensino de uma língua estrangeira é obrigatório a partir do sexto ano do ensino fundamental. Desse modo, ao questionarmos aos alunos dessa série no início do ano letivo, estamos levando em consideração algumas possibilidades tais como: a) o aluno tem pais brasileiros, mas foi alfabetizado na Guiana Francesa seja em Caiena seja em Saint-Georges; b) o aluno entrevistado é repetente dessa série e oriundo de outro estado do país; c) o aluno entrevistado estudou em escola privada que oferecia o ensino de uma língua estrangeira desde as séries iniciais em outro estado.

Os dados revelam que 47 % dos alunos entrevistados estudou e/ou estuda o francês na escola como língua estrangeira. Esse dado era esperado, pois a língua

estrangeira oferecida na Escola Estadual Joaquim Nabuco, desde 2000, é a língua francesa. Outros 27 % registraram estudar o português e o francês sem fazer uma distinção entre o ensino da língua oficial do país com a língua estrangeira oferecida na escola. 25,7% apontaram o português como língua que estuda ou estudou na escola. Sobre esse dado, destaco que aplicamos o questionário no primeiro dia de aula e, dessa forma, os alunos que pela primeira vez teriam a disciplina de língua estrangeira desconheciam o que era pedido na questão e podemos relacioná-lo também aos estudantes indígenas que tem o ensino ministrado em sua língua materna e o português como segunda língua. É importante destacar que alguns informantes durante a coleta me perguntaram o que era língua estrangeira. Diante disso, deduzimos que diante do desconhecimento de uma LE, o aluno optou pela disciplina de língua portuguesa que com certeza sabe que estuda na escola. Com referência aos alunos indígenas, o patuá aparece com 0,3% como língua que estudou ou estuda. Um ponto interessante é que nenhuma outra língua estrangeira foi declarada.

Tabela 14: Língua estrangeira que estuda ou estudou na escola.

Língua estrangeira que estuda ou estudou na escola	
Português	25,7 %
Francês	47 %
Patuá	0,3%
Português/ Francês	27 %
Não respondeu corretamente	0%

Ao serem questionados se fala ou não uma outra língua, 82% dos alunos não responderam a essa pergunta. Esse dado se relaciona sobre maneira a noção corrente de que os brasileiros “mal falam o português, a língua nacional que deveriam falar com perfeição, então quisá outras línguas. O sentimento de inferioridade em relação à própria língua impede que a grande maioria dos informantes declare o domínio de uma língua estrangeira. Salientamos que nessa questão, explicamos detalhadamente o que significa falar uma outra língua, focalizando a explicação de uma maneira que eles percebessem sua competência comunicativa já que durante toda a pesquisa de campo, conversando com moradores da cidade, percebemos que os mesmos admitem não saber

uma língua porque não tem a competência escrita e também por considerarem que a aquisição de uma língua tem que ser formalizada através de escolas ou cursos de idiomas. 14,3% declararam dominar um outro idioma e 3,7% registraram não falar uma outra língua.

Tabela 15: Se o aluno fala mais de uma língua além do português.

Fala mais de uma língua	
Não fala	3,7%
Fala	14,3 %
Não respondeu	82%

Questionados onde aprenderam, aparece um dado interessante que se relaciona a pergunta anterior. 82% não responderam a questão sobre o domínio de mais uma língua além do português. Entretanto, esses mesmos alunos, responderam a questão seguinte, onde aprendeu. 25,7 % declararam ter aprendido na escola/curso. 34,2% responderam que aprenderam com os pais/parentes. 13,6% responderam que aprenderam em Caiena. 16 % apontaram que aprenderam em Oiapoque no dia-a-dia. 4,5 % disseram ter aprendido na aldeia, esse dado se refere aos alunos indígenas em relação ao português, segunda língua ensinada nas escolas das aldeias. No vilarejo em frente, Saint-georges, 6,0 % declararam ter aprendido o francês.

Tabela 16: Local de aquisição/aprendizado da segunda língua ou mais línguas.

Onde aprendeu?	
Aldeia	4,5%
Caiena	13,6 %
Com os pais /parentes	34,2%
Escola/ Curso	25,7%
Em Oiapoque	16%
Em Saint-Georges	6 %

5.4 Resultados dos dados sobre atitudes lingüísticas

Como explicamos na introdução, na segunda parte do questionário, objetivamos investigar as atitudes lingüísticas dos alunos com o objetivo de observar a representatividade das línguas em presença na região e assim podemos embasar ainda mais a discussão político- lingüística dessa pesquisa.

Segundo Parceró (2007, p.24), uma das razões pelas quais as atitudes lingüísticas interessam à etnografia consiste no fato de que os falantes raramente podem escolher conscientemente que atitudes ter em relação a uma determinada língua ou variante, uma vez que as atitudes são adquiridas pelos membros de um grupo como parte da cultura ou no processo de aculturação em uma comunidade lingüística. Além disso, aponta que o estudo das atitudes é importante para a sociolingüística, uma vez que um dado comportamento lingüístico pode predizer: a escolha de uma língua particular em comunidade multilíngüe, língua de prestígio entre outras.

Fasold (1984) define os possíveis objetos de estudos de atitudes sobre a linguagem:

- O que pensam os falantes sobre as línguas (se são ricas, pobres, feias, etc.);
- O que pensam sobre os falantes das línguas e dialetos;
- As atitudes em relação ao futuro de uma língua.

Ainda segundo o autor, a atitude lingüística pode ser entendida como parte do sistema ideológico que serve para organizar e relacionar valores e crenças e comportamento a um conjunto de julgamentos ético e estético. (Fasold, 1984, p. 176).

Jodelet apud Pereira (2006) define o conceito classificando-o como uma forma de conhecimento, socialmente elaborado e compartilhado, que possui um objetivo prático e que contribui para a construção de uma realidade comum de um grupo social. Segundo a autora, as atitudes fazem parte da construção identitária dos sujeitos, de sua relação com os outros e participam da construção do conhecimento. As atitudes põem em evidência os traços que um grupo acha mais pertinente na formação de sua identidade, por isso é importante na formulação de uma política lingüística. Diante disso, elaboramos questões com o objetivo de depreender esses valores e crenças em relação às línguas.

Em relação à questão “que língua gostaria de aprender”, 60% dos alunos entrevistados disseram que gostariam de aprender o francês. Acreditamos que a atitude positiva em relação à língua francesa por parte dos alunos entrevistados seja devido à percepção da necessidade cotidiana do francês nas relações interpessoais assim como na importância para os pais no aprendizado da mesma, relacionando-se sobremaneira com ascensão econômica. O inglês aparece com 14 % da preferência dos alunos. A hegemonia da língua inglesa não tem muita representatividade nesse contexto.

Tabela 17: A língua que o aluno gostaria de aprender.

Qual língua gostaria de aprender?	
Francês	60 %
Inglês	14 %
Outras	26 %

Quando questionados o porquê de querer aprender a língua declarada, os entrevistados que declararam ser o francês, apontaram três razões: *bonita/legal*; *importante para a comunicação*; *importante para ter conhecimento*. 37% tiveram atitudes lingüísticas bastante positivas à língua francesa no quesito *bonita/ legal*. 27% consideraram a língua do país vizinho *importante para a comunicação*. Somente 9 % declararam que o aprendizado da língua francesa é *importante para ter conhecimento*.

Tabela 18: Por que desejam aprender a língua francesa?

Por que	Francês
Bonita/Legal	60 %
Importante para a comunicação	14 %
Importante para ter conhecimento	26 %

Na pergunta “que língua você acha mais bonita”, 33 % declararam considerar o português a língua mais bonita. Essa atitude positiva em relação ao português reflete a idéia de que mesmo que a fronteira seja o lugar onde o “eu” e o “outro” se encontram, não é necessário anular a identidade nacional. Em outras palavras, “a identidade coletiva do sujeito conforma-se, portanto, a partir de sua localização geográfica e dos

anteriores, que atribuíram a essa localização espacial um significado diverso dos demais territórios” (Wasserman, 2002, p.94). Sendo assim, mesmo diante da proximidade geográfica e da dependência econômica que Oiapoque tem da Guiana Francesa, os espaços se integram sem perder as identidades nacionais principalmente em relação ao Brasil e conseqüentemente em relação à língua portuguesa. Por outro lado, 42 % têm uma atitude positiva em relação ao francês e a consideram a língua mais bonita. Isto, como dito desde o início desse trabalho, reflete a proximidade geográfica com a Guiana, além de tudo o que o aprendizado da mesma representa. O inglês surge com 13% devido a pouca influência que a cultura americana exerce região. Línguas tipologicamente próximas como o espanhol e o italiano surgem com 10% e 2% respectivamente.

Tabela 19: A língua que o aluno considera mais bonita.

Qual língua você acha mais bonita?	
Francês	42 %
Inglês	13 %
Português	33%
Espanhol	10%
Italiano	2%

Em “qual a língua mais útil” 38 % dos alunos informantes declararam ser o português devido esta língua ser a primeira língua da maioria e principalmente a língua mais utilizada em diferentes ambientes comunicativos. Por outro lado, o francês é considerado, com 32%, a língua de maior utilidade porque de modo geral, é a língua depois da materna que os entrevistados têm mais contato. Esses dados sugerem que os participantes da pesquisa valorizam mais a língua do país que pode ser explicada pelo sentimento de identidade étnica em relação à língua e a cultura brasileira, além de ser a língua que os une na comunicação íntima com os familiares e amigos e nos principais ambientes comunicativos pelos quais transitam embora estejam conscientes da necessidade da língua do país vizinho uma vez que a comunicação com os franceses é um fato inevitável. 20 % dos alunos entrevistados declararam outras línguas como o crioulo francês, o Patuá, o espanhol e o japonês. O inglês surge com 10% da porcentagem na pesquisa.

Tabela 20: A língua que o aluno considera mais útil.

Qual língua você acha mais útil ?	
Francês	32%
Inglês	10%
Português	38%
Outras	20%

O português também é o mais declarado na pergunta “qual a língua mais fácil” com 65 %. Como dito, anteriormente, o português é a língua materna da maioria dos entrevistados e, por isso, não apresenta nenhum grau de dificuldade. Por sua vez, devido ao contato diário, o francês aparece com 15 %. O espanhol devido à semelhança com o português é considerada a língua mais fácil por 7% dos alunos entrevistados.

Tabela 21: A Língua que o aluno considera mais fácil.

Qual língua você acha mais fácil?	
Espanhol	7%
Francês	15 %
Português	65%
Outras	13%

Em “qual a língua mais difícil” os informantes responderam o francês com 31%. O inglês aparece com 27 % e o chinês com 15 %. Acreditamos que esse dado em relação ao se relaciona, claro, com as dificuldades relatadas pela secretária de educação assim com pela diretora no que diz respeito à falta de investimento em relação ao ensino do francês no município, ou seja, a falta de uma planificação lingüística. Os alunos entrevistados não se reconhecem como bilíngües, pois ressentem de aprender as regras gramaticais dessa língua. Cavalcanti (1999) aponta que esse não reconhecimento acaba gerando um sentimento de inferioridade por parte da comunidade lingüística.

A princípio aprender de forma tão espontânea e motivada parece o afã de todas as metodologias de ensino de línguas. Entretanto, essa mesma facilidade declarada pelos falantes na questão acima torna-se ambígua ao declarem ser o francês a língua mais difícil. A resposta a essa contradição encontrada nas questões “que língua você acha

mais fácil” e “que língua você acha mais difícil” não é simples, pois envolve discussões de ordem política, econômica, social além de cultural e educacional.

Lopes (1996) acredita que é preciso alterar completamente o objetivo do ensino de línguas estrangeiras das escolas brasileiras para um ensino que propicie aos alunos a oportunidade de adquirir uma competência comunicativa efetivamente para a comunicação. As regiões de fronteira assim como todas as outras regiões do país são linguisticamente planejadas pela LDB e pelos PCN. Cabe-nos aqui questionar se uma ação de planificação lingüística na região efetiva não alteraria essa atitude ambígua em relação ao francês.

Tabela 22: A Língua que o aluno considera mais difícil.

Qual língua você acha mais difícil?	
Chinês	15 %
Inglês	27 %
Francês	31 %
Outras	27%

O contexto fronteiriço é complexo e na vida cotidiana dos habitantes que lá residem não parece que se vive em um território limítrofe de tantas imbricações que envolvem o habitar na fronteira. Entretanto, mesmo que no dia-a-dia pareça que a fronteira é uma extensão do país, é um equívoco achar que os habitantes não percebem as complexidades desse habitar na fronteira assim como nas diversas línguas que estão em contato. Com base nisso, questionamos aos alunos se existem regiões no Brasil onde se fala outras línguas. A maioria respondeu positivamente e apontou a região do Oiapoque como plurilíngüe como demonstra a tabela abaixo.

Tabela 23: Sobre regiões plurilíngües no Brasil.

Há regiões plurilíngües no Brasil?	
Sim	85 %
Não	15 %

Tabela 24: Região considerada plurilíngüe pelos alunos.

Qual região?	
Caiena	60 %
Oiapoque	14 %
Região Sul	15 %
Rio de Janeiro	5%
São Paulo	6%